

# CEDI

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Q. Liberal

Class.: 96

Data: 5 de janeiro de 1986

Pg.: \_\_\_\_\_

448

(Lucio Flavio Pinto)

### O curto prazo da pesquisa

O conjunto de serras que formam a Província Mineral de Carajás constituem uma paisagem belíssima, distante da imagem convencional da Amazônia. As altitudes, ali, chegam a 800 metros. O topo das serras é coberto por uma vegetação rasteira de canga, entremeada por lagos temporários e perenes, os mais exuberantes entre estes localizados na Serra Sul. As encostas são tomadas por uma floresta exuberante, que se enriquece nos vales, sobretudo do Itacaiúnas, com seus ricos castanhais, hoje expostos à investida predatória do homem. O tempo se abre e se fecha com incrível rapidez. A temperatura baixa muito, sobretudo a partir do entardecer e antes do sol conseguir firmar seu domínio. O chão, ferruginoso, dá ao visitante a ligeira sensação de estar em algum outro planeta.

O ferro domina tudo e vai comandar a vida desta região paradisíaca durante muitos anos que se seguirem, décadas de escavação do homem na busca de rochas e metais de uso econômico. Em quatro locais distintos dessa sucessão de serras, porém, um grupo de pesquisadores encontrou mais do que minérios: um dos fios da meada para chegar à origem do homem na Amazônia.

São cavernas naturais, incrustadas nos maciços de ferro. Dentro de uma delas foram recolhidos testemunhos materiais de uma população de caçadores-coletores que deve ter habitado essa área 10 mil anos antes de Cristo. É uma das mais importantes descobertas da arqueologia brasileira. As originais características geológicas do ambiente e do material coletado (lascas de topázio, quartzo e amestista), mais a abundância de indicações para fundamentar novos avanços na interpretação científica de civilizações pré-cabralinas, vão

alimentar os laboratórios arqueológicos por bastante tempo.

Os jornais já registraram um pouco da importância desse "achado". O material retirado de uma das cavernas, ainda sob exame de laboratório, vai confirmar definitivamente a datação mais antiga sobre a presença de civilizações primitivas, chegadas à Amazônia antes do desenvolvimento da cerâmica. A caverna do Gavião, segundo o arqueólogo Daniel Florêncio Lopes, chefe da equipe de pesquisadores do Museu Emílio Goeldi, com a colaboração de geólogos da Universidade Federal do Pará, é um exemplar típico do testemunho pré-ceramista, enquanto o Abrigo do Sol, em Mato Grosso, que forneceu o material mais antigo, tem uma formação híbrida, com lascas no fundo e cerâmica na superfície.

Já as expedições nos vales do Itacaiúnas e do Parauapebas, onde foram identificados 51 sítios arqueológicos, permitirão recuar bastante a origem dos povos ceramistas na região, estimada em 1.500 da nossa era, mas que, pelo material recuperado, comprova ocupação humana ao longo de um período que começa no ano 280 e vai até 1.500. Além disso, esta datação vai permitir reformular completamente o roteiro migratório dos povos de cerâmica tupi guarani, desde o ponto de dispersão, no Acre, até os vales ao pé das serras.

Em países que valorizam na devida conta a reconstituição do passado, tais descobertas provocariam um amplo e bem apoiado esforço de pesquisa. As pesquisas arqueológicas que estão sendo desenvolvidas em Carajás, no entanto, são apenas um subprojeto dos "estudos de preservação dos recursos naturais e humanos na área do Projeto Carajás". Para todos esses estudos, a serem desen-

volvidos em cinco anos, a Companhia Vale do Rio Doce reservou 50 mil ORTN's (o equivalente, hoje, a quatro bilhões de cruzeiros). A arqueologia terá 800 milhões, dos quais já gastou 320 milhões. Com o restante terá que completar o projeto, até 1987. Só poderá fazer mais duas excursões de campo.

No período que ainda resta para o encerramento do convênio entre a CVRD e o Museu, os pesquisadores se concentrarão apenas em uma das quatro cavernas que já localizaram. Por um motivo simples: ela está em frente à pera ferroviária, onde os trens serão abastecidos de minérios, e a um quilômetro da mina. Dentro de algum tempo, que ninguém sabe ainda precisar, será dinamitada.

Tendo contra si o tempo exíguo, os pesquisadores fizeram apenas uma escavação. Não sabem se, esgotados os cinco anos, poderão continuar a pesquisa. Num país de maior tradição nos estudos arqueológicos, um sítio como a caverna do Gavião exigiria algumas décadas de trabalho sistemático, com os melhores recursos que a ciência pode oferecer. Já acostumados a uma realidade completamente diferente, os arqueólogos preferem raciocinar com a possibilidade de desenvolverem uma pesquisa melhor nas cavernas mais distantes da lava mineral, na esperança até de que elas venham a ser poupadas.

Mesmo a sobrevivência dessas esperanças, entretanto, dependerá da renovação do convênio, sem o qual o Museu dificilmente teria condições de manter a equipe no campo. A continuidade ainda é uma incógnita: a exigência legal, de salvamento dos sítios, já terá sido cumprida, mesmo que os estudos estejam distantes de uma conclusão ou de um tratamento adequado à riqueza do material descoberto.